

JACQUES LACAN, FILOSOFIA, PSICANÁLISE E CIÊNCIA

Rosario Herrera Guido*

Traduzido do espanhol por Ester Heuser e Eduardo Pellejero

*No final da minha vida
percebo que não tenho sido
mais que um rapaz
que caminhando pela beira mar
por vezes encontrou umas conchas mais
belas que outras
mas sempre frente ao infinito oceano da
verdade.*

Isaac Newton

1 INTRODUÇÃO

Jacques Lacan chegou a dizer que era um autor cristalino. Nem todos os seus leitores e críticos estariam de acordo. Frente às possíveis obscuridades parece-me que é preciso retornar a Lacan da mesma forma pela qual ele voltou a Sigmund Freud. Assim como não há discurso sem perda, também não há leitura sem quebra, pois desde a perspectiva da ciência prevalece a ilusão sem a possibilidade de eliminar essa falta. Como é sabido, para o discurso da psicanálise a perda é uma necessidade sem a qual o discurso se fecharia sobre si mesmo, sob o suposto de que alguém poderia anunciar o último significante que viria a fechar a cadeia da linguagem, a fim de apresentar uma ordem simbólica sem falta.

Para empreender este retorno a Lacan mostrar que nele há pensamento é mais importante que esclarecer o seu pensamento. Dizer o seu pensamento implica sustentar que trata-se de uma existência que se impõe a quem não o pensou. O mais importante é mostrar que em Lacan existem múltiplas proposições, o suficientemente consistentes para poderem ser

* Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, Morelia – Michoacán – México, rherrera@zeus.umich.mx

extraídas de seu próprio campo e resistirem a determinadas mudanças de espaço discursivo. Para tal propósito, sem pretender esgotar todas as suas proposições, é indispensável mostrar que elas cumprem com tais requisitos. Sem esquecer que se trata de um possível programa epistemológico que se define por sua exterioridade e sua incompletude.

Antes de mais é necessário dar um lugar à ciência, dado que Lacan recorre a ela com frequência, ainda quando não é verdade que a partir da ciência se possam deduzir os conceitos fundamentais da psicanálise. Lembremos que Lacan não costuma se autorizar por si próprio, senão através de uma garantia externa. Assim, por exemplo, a doutrina da ciência deriva de Alexandre Koyré. Também apela ao pensamento estruturalista, mas não inclui o sujeito do conhecimento e a incompletude da estrutura.⁵⁶ Porém, a partir da ciência e da estrutura surgem teses objetivas, quase materiais. Esta via de pensamento permite encontrar alguns perfis exteriores próximos a um materialismo discursivo que legitimam as leituras de Freud e Lacan. Tudo para permitir que se desvançam as significações completas e surja um sentido sempre lacunar.

Daí que Lacan não seja vasto nem exaustivo ao que se refere à uma lógica interna ao seu discurso. Não esqueçamos que o verdadeiro valor dos materialismos reside no fato de não serem absolutos. Além disso, um ensino e uma obra como a de Lacan, que não se propõem a dizer a última palavra, permitem propor um quiasmo saudável: tudo o que se pode dizer é que não se pode dizer tudo.

A obra de Lacan consta de duas fases: 1. Os textos escritos por Lacan para serem publicados. 2. Os seminários transcritos e editados por outros, alguns sob o seu controle. Os textos anteriores a 1966 apareceram sob o título *Escritos*, os posteriores foram publicados na revista *Scilicet*. Textos aos que Jean-Claude Milner chama *Scripta*. A concepção da “obra” é uma ideia moderna, introduz uma unidade na multiplicidade da cultura. A obra não é necessariamente um livro, mas uma forma que a cultura organiza. Não é possível escapar ao

⁵⁶ Lacan introduz o termo “estrutura” para designar a estrutura da linguagem. Para Lacan não há mais estrutura que a da linguagem. A estrutura é o conjunto co-variante de elementos significantes. Mas a estrutura no campo da psicanálise, ao contrário da linguística, da semiótica e da antropologia estrutural, designa um conjunto “não fechado” de elementos, e ao mesmo tempo “fechado” sobre si próprio, graças ao qual é possível articular a lógica do “não-tudo” que caracteriza a estrutura da linguagem e do sujeito do inconsciente. Uma língua é um conjunto fechado e completo de elementos que Lacan denominou “bateria de significantes”. Mas ao mesmo tempo, toda a língua inclui uma carência que a “des-completa”, e que Lacan denomina “tesouro do significante”. A estrutura implica que o sujeito se constitui como um fato da linguagem, de modo que o sujeito não é um “ser substancial” mas um “ser de linguagem”, um sujeito do inconsciente, marcado pela lógica do não-tudo da significação. A co-variação de elementos significantes é um sistema correlativo de elementos que tomam o seu lugar de um modo sincrônico e diacrônico, uns em relação aos outros. A significação é o resultado da posição que ocupa um significante com respeito ao outro, porque o significante não pode significar-se a si próprio, mas só em virtude da posição diferencial que ocupa com respeito a outro significante. De modo que o valor de cada significante será determinado por sua posição relativa e não por seu valor absoluto.

dispositivo que constitui a obra, somente ao preço de renunciar a inscrever-se na cultura. Daí a definição de Michel Foucault: a loucura como ausência de obra, isto é, a loucura como limite externo à cultura. A cultura não pode reabsorver as produções da loucura, mas pode reinscrevê-las na forma de obra.

Nem a ciência nem a técnica pertencem à cultura. Este critério não é um preconceito de ignorantes ou de humanistas, mas a relação estrutural: a mútua exclusão de dois sistemas que precisamente se definem por esta exclusão. O que atua na ciência não se inscreve como obra (uma forma que por vezes advêm, no futuro, quando já não é eficaz). Albert Einstein é obra quando a ciência o esquece. Então, a cultura como fora-da-ciência substitui o esquecimento da ciência em progresso como fora-da-cultura.⁵⁷ Se um modelo é convocado pela ciência e pela cultura, isso nos leva a tomar decisão com respeito à obra. Os discípulos de Ferdinand de Saussure, dos quais Lacan disse que por piedade converteram o seu mestre no pai da linguística, ao publicar os seus apontamentos escolheram a obra, o *Curso de linguística geral*.⁵⁸

Sigmund Freud, com seu “sonho da monografia botânica”,⁵⁹ mostra que tinha que escolher entre uma monografia e uma obra, que a ciência positiva do seu tempo não lhe permitia. Lembremos que Freud faz uma monografia botânica que chama a atenção de Karl Koller (1857-1944) sobre as propriedades anestésicas da cocaína. Mas é a Koller a quem toca o êxito e a glória, tal como testemunha o volume comemorativo que Freud recebe essa manhã quando não consegue terminar a sua obra *Interpretação dos sonhos (Die Traumdeutung)*. O

⁵⁷ Enquanto produtos profissionais criados nas universidades, como teses, manuais ou memórias, são considerados obras pelos franceses, os alemães não os consideram como tais.

⁵⁸ Ferdinand de Saussure, *Curso de linguística geral*, Buenos Aires, Losada, 1979.

⁵⁹ Cf. “Interpretación de los sueños” (1900), *Obras Completas*, Buenos Aires, 1979, t. IV. Lembremos o lacônico sonho: “Escrevi uma monografia sobre uma variedade (indeterminada) de planta. O livro jaz na minha frente, e estou folhando uma gravura colorida. Acompanha o exemplar um espécimen dessecado da planta”. A monografia botânica é o tema central, cujos resíduos diurnos procedem da visão de uma monografia sobre o gênero ciclâmem que se exibia na estante de uma livraria. Freud esclarece que o gênero ciclâmem está ausente no sonho (que é, além disso o gênero favorito da sua mulher). Só fica a monografia e a botânica. Freud lembra a relação com a monografia botânica e o texto que elaborara sobre a cocaína, além da sua relação com o doutor Königstein, que participara na sua aplicação e frustrara as suas ambições. Com o significante botânica associa o professor Gärtner (jardineiro) e a sua florescente mulher, a sua paciente Flora e a dama de quem conta uma história de flores esquecidas (Freud lamenta não levar flores à sua mulher na primeira análise deste sonho, e menciona que o esquecimento carrega uma intenção secreta). Freud nos comunica o receio que tem de tecer o texto verdadeiro. Lacan assinala que, tratando-se dos seus próprios sonhos, Freud nunca chega ao cerne do assunto. Contudo, Freud evoca a conversa com o oftalmologista Königstein que operara o seu pai, anestesiando-o com cocaína. Além disso, Freud nunca perdoara a sua mulher que o chamara para ter com ela; de outro modo, teria feito uma descoberta que o teria tornado célebre. No sonho também estão a sua paciente Flora e Gärtner (jardineiro) acompanhado de sua florescente (bluming) mulher. Todas as associações de Freud são pontos fonemáticos – diz Lacan – que permitem que as palavras se expressem no sonho. Lacan sugere o sentido do sonho cruamente: “Já não amo a minha mulher”. E, com respeito às suas aspirações: “Sou desconhecido pela sociedade e estou preso às minhas ambições”. Como é possível apreciar, no trabalho do sonho a condensação é análoga aos giros metafóricos da linguagem, como figura retórica e imagem poética.

sonho decifra a renúncia à monografia e à ciência positiva do seu tempo, para escolher o livro, a obra e a cultura. *Interpretação dos sonhos* é o mais claro testemunho disso. A cultura impõe-se à ciência e à técnica médica. A obra venceu a monografia.⁶⁰

Contudo, Freud se dedicou para adequar a psicanálise à ciência positiva; a fundação da Associação Internacional devia cumprir com tal propósito. Ainda que a ciência positiva não necessita deste tipo de instituição. O poder dos seus paradigmas provém da herança das universidades medievais, das quais Lacan afirma: “a Universidade, que era a Igreja e segue sendo a igreja”. É preciso lembrar que Freud também chega a dizer que inscreveria a psicanálise na *universitas litterarum*. Mas nem na psicanálise nem na ciência há obra que não seja a de Freud. Depois da Segunda Guerra Mundial, a Associação Internacional de Psicanálise (IPA) sobrevive graças à sua inscrição na ciência moderna, com uma “técnica” (que sempre recusara Freud). A Associação Internacional terminou concordando com a monografia.

Lacan desenvolve o tema da “*poubellication*” [publicação], que vela o tema da obra, porque a publicação refere-se também à lixeira (*poubelle*); o publicado é um dejetivo; toda a obra é um dejetivo. Podemos reconhecer aqui Georges Bataille, sua teoria da cultura como excesso, que termina no dejetivo, porque só a cultura sabe tratar da imundície e do excremento. A cultura como elemento da civilização, a obra como parte da cultura, a publicação como dimensão da obra e o papel como suporte do publicado e dos excrementos.

Lacan aceitou publicar e tolerou o lixo; quando a ciência normal lhe fechou as portas, ele recorreu à cultura para abri-las. Lacan entrou na cultura com os *Escritos*, de 1966. Como Freud, Lacan necessitava da cultura para que o escutassem. O livro faz o elogio do fúnebre e do dejetivo, a lápide do livro, o epitáfio da capa, com o seu nome, um lugar e uma data, o cadáver de papel: o livro como objeto de esquecimento (daí a homofonia à qual recorre Lacan: *poublier*, publicar, que inclui *oublier*, esquecer). Lacan triunfa contra a Associação Internacional de Psicanálise, porque para além da obra de Freud só existe a de Lacan.

Platão e Aristóteles permitem pensar a diferença entre o ensino escrito e o ensino oral, a distinção entre os escritos exotéricos e os escritos esotéricos; o exotérico é o escrito e o esotérico é o oral (por vezes transcrito). O que aparece com o nome de Aristóteles não foi escrito por ele; é uma transcrição dos seus alunos, do ensino oral e esotérico. De Platão, pelo contrário, conhecemos toda a obra escrita exotérica e nada da obra oral e esotérica. De Freud

⁶⁰ Jean-Claude Milner, *La obra clara*, Buenos Aires, Manantial, 1996, pp. 13-18. A vitória definitiva de Lacan, contra a sua “excomunhão” da Associação Internacional de Psicanálise, é que para além da obra de Freud, só existe a de Lacan.

só existe o exotérico. De Lacan conta-se com os escritos e com um ensino oral. Em Aristóteles, como em Lacan, existe o esotérico e o exotérico. Ainda que de Lacan à Aristóteles se inverta a relação: o esotérico é escrito e o exotérico é falado e transcrito. Nos seminários só há *Scripta*. Mas nos seminários sempre pode haver algo mais que nos *Scripta*. De modo que a obra de Lacan está totalmente nos *Scripta*, que por definição foram todos publicados. Também, à diferença de Platão e Aristóteles, os *Scripta* não têm a forma do diálogo, porque nos modernos essa técnica é obsoleta, o que os torna únicos em seu gênero, característica própria da obra. Lacan é moderno; em seus escritos domina o *atechnon*, que não tem a forma do diálogo, mas de *excursus*: as digressões, o estilo ensaístico, asserções de certeza antecipada, hologramas de pensamentos por vir, que se lêem no futuro anterior, iluminados pelo retorno do idêntico.

Lacan pratica o meio-dizer, onde as proposições estão separadas do verdadeiro, próximas da escrita poética: um meio-dizer que está subordinado ao bem dizer: o *lapsus* e a agudeza (*Witz*). Por isso a arte do bem dizer é promovida por Lacan a mandamento ético, porque o meio-dizer é o único prudente. Lacan problematiza que na psicanálise freudiana a verdade não se escreve, mas se fala, porque o movimento, do início ao fim, supõe o inverso de Platão: que a verdade se escuta no que se escreve de significante. Isto não significa que o escrito só tenha a forma de livro. Lacan esteve fora do livro, no princípio por coerção, depois por escolha. Mas ler Lacan é ler os *Scripta*.

2 A FILOSOFIA, A PSICANÁLISE E O SUJEITO DA CIÊNCIA

Surpreende-nos que Lacan, no seu escrito “A ciência e a verdade”,⁶¹ afirme que o sujeito sobre o qual opera a psicanálise é o sujeito da ciência. Do que se segue que: 1. A psicanálise opera sobre um sujeito e não sobre um eu (*moi*). 2. Há um sujeito da ciência. 3. Os dois sujeitos são um. Trata-se de um axioma que pode ser enunciado assim: “há um sujeito diferente da individualidade empírica”.⁶² Como se pode notar, as três afirmações falam do sujeito. A primeira afirmação aponta para a prática analítica como uma forma de operar, para o que propõe um axioma de existência que é análogo às proposições kantianas e pós-kantianas. A segunda recorre a um conceito que é uma hipótese: “sujeito da ciência”. E a

⁶¹ Jacques Lacan, “La science et la vérité”, *Écrits II*, Paris Seuil, 1971, p. 857.

⁶² *Ibidem.*, p. 854.

terceira sustenta-se em correlações históricas, que permitem que a hipótese do “sujeito da ciência” devesse na equação: os dois sujeitos são um. Mesmo que esta equação não diga nada da psicanálise como teoria nem como ciência, todas as proposições da teoria de Lacan supõem a equação dos sujeitos, porque o movimento de reflexão em torno da práxis tem terminado. A equação tem uma função seminal. O que supõe que a noção de ciência constitua o objeto de uma teoria admitida que se vincule com a constituição do sujeito.

Há uma complexa teoria da ciência em Lacan. Também há uma teoria da ciência em Freud. Lacan assinala que o cientificismo de Freud, movido pelo desejo de que a psicanálise seja uma ciência, tende a aprovar o ideal da ciência como uma determinação imaginária que faz com que as representações sejam possíveis. Nesta medida, porque tanto Freud como Lacan aspiram à ciência da psicanálise, é necessário procurar o que os diferencia.

Dado que é impossível evitar a necessidade e o desejo de representações, tudo parece indicar que quando a legitimidade é buscada em um ideal de ciência, como Freud, *naquilo que deve ser a ciência*, é inevitável que se postule uma ciência ideal. Isto é o que abre o caminho ao cientificismo. O modelo de ciência ideal de Freud é tomado do médico e físico alemão Hermann Ludwing Ferdinand von Helmholtz (1821-1894), do físico, filósofo e psicólogo austríaco Ernst Mach (1838-1916) e do físico-matemático austríaco Ludwig Boltzmann (1844-1906).⁶³

À pergunta do porquê da ciência, Lacan só responde com os aforismos de Freud, que resumem em: o nascimento da ciência só é uma técnica sexual. Porque a teoria lacaniana da ciência não trata de outra coisa. Ainda que fiel a Freud, Lacan toma distância do ideal de ciência, logo, da ciência ideal. Como não há ideal de ciência para a psicanálise, também não há ciência ideal. Porque a psicanálise encontrará em si própria os fundamentos dos seus princípios e os seus métodos. A psicanálise se sentirá segura de interrogar a ciência.⁶⁴ De modo que a própria ciência pode revelar a forma mais consistente de sua atividade: a prática da análise, que se encontra diversificada e idêntica a si própria, em todas as regiões do saber. Ao invés de procurar um ideal de ciência, corresponde-lhe construir para a ciência um ideal de análise. Por detrás do ideal de análise se chega à análise ideal: remodelar a matemática, a lógica, a física, a biologia, para que fiquem à sua medida.

⁶³ Em 1911, Freud assina junto a Ernst Mach, David Hilbert, Felix Klein e Albert Einstein, um manifesto que reclama uma sociedade que desenvolveria e difundiria uma filosofia positivista. O que permite medir o sucesso social de Freud no meio positivista alemão. Ver a introdução histórica de Antonia Soulez, *Manifeste du cercle de Vienne et autres écrits*, PUF, Paris, 1985, p. 32.

⁶⁴ Em 1965, Lacan pergunta-se: “O quê é uma ciência que inclua a psicanálise?”. “Reseña para el anuario de la Escuela Práctica de Altos Estudios”, *Reseñas de Enseñanza*, Buenos Aires, Manantial, 1984, p. 28.

Há que se reconhecer na teoria lacaniana da ciência que a ciência é essencial para a existência da psicanálise; uma posição que não o situa como ideal. Uma relação análoga aos operadores históricos: sucessão e corte. Lacan se apóia em Koyré, à luz de Kojève. Lacan adota a posição dos geômetras, para poder trabalhar com axiomas e teoremas:

1. Teoremas de Kojève:
 - a. Há um corte entre o mundo antigo e o universo moderno;
 - b. Um corte que deve-se ao cristianismo.
2. Teoremas de Koyré:
 - a. Há um corte entre a *episteme* antiga e a ciência moderna;
 - b. A ciência moderna é a ciência galileana, cujo tipo é a física matemática;
 - c. Ao matematizar seu objeto, a ciência moderna o despoja de suas qualidades sensíveis.
3. Hipótese de Lacan:
 - a. Os teoremas de Koyré são um caso particular dos teoremas de Kojève.
4. Lemas de Lacan:
 - a. A ciência moderna constitui-se pelo cristianismo, que se distingue do mundo antigo;
 - b. Dado que a distinção entre o cristianismo e o mundo antigo depende do judaísmo, a ciência moderna constitui-se pelo que há de judeu no cristianismo;⁶⁵
 - c. Tudo o que é moderno é sincrônico com a ciência de Galileu, e só é moderno o que é sincrônico com a ciência galileana.

O tratamento da hipótese do sujeito da ciência é adequado a este dispositivo; passa por Descartes. Por isso, Lacan analisa o *cogito* cartesiano.⁶⁶ A tese fundamental é que Descartes é o primeiro filósofo moderno. Uma proposição que Hegel já formulava. Mas o que significa moderno? Descartes mostra o que a ciência moderna necessita do pensamento, o testemunho do *cogito*: as *Meditações*, a geometria analítica e a *Dióptrica*. Descartes é o primeiro filósofo moderno pelo *cogito*. Descartes inventa o sujeito moderno e o sujeito da ciência.

O sujeito freudiano, construído na modernidade, é cartesiano, mas não por cronologia, mas por seu parentesco discursivo: 1. A física matemática elimina as qualidades

⁶⁵ Cf. Jacques Lacan, *Le Séminaire. Livre VII. L'éthique de la psychanalyse, 1959-60*, Paris, Seuil, 1986, p. 47. A diferença entre Kojève e Lacan é que enquanto o primeiro atribui ao dogma da encarnação do cristianismo ("L'origine chrétienne de la science moderne", *L'aventure de l'esprit* II, Paris, Hermann, 1964, pp. 295-306) um papel decisivo na emergência da ciência, para o segundo tal dogma é o que separa o cristianismo do judaísmo e justifica que o primeiro reivindique o espírito contra a letra; por isso Lacan atribui um papel decisivo ao que no cristianismo perdura do judaísmo (a letra). Daí que a hipótese de Lacan (1960) não se sobreponha à de Kojève (1964), mesmo se ambas são homônimas.

⁶⁶ Cf. Jacques Lacan, "Instancia de la letra en el inconsciente", *Escritos*, pp. 496-497.

dos existentes. 2 A teoria do sujeito que responde à esta física deve despojar o sujeito de qualquer qualidade. 3. O sujeito sem qualidades é o sujeito da ciência. Logo, este sujeito não é a individualidade empírica, psíquica ou somática; não é uma alma mortal nem imortal; nem pecador nem santo, nem condenado nem salvo; não tem si próprio nem reflexividade nem consciência.

Esta é a existência do *cogito*, que, enquanto enunciado certo, encontra-se em disjunção a respeito de qualquer qualidade possível, fechada pela dúvida. O pensamento que define o *cogito* é qualquer, porque é o mínimo de todo o pensamento possível, porque todo o pensamento, verdadeiro ou falso, razoável ou absurdo, afirmado ou negado, permite concluir que *eu sou*. O *cogito* cartesiano, correlato sem qualidades, é pressuposto em um pensamento sem qualidades, sujeito lacaniano, que responde ao gesto da ciência moderna.

Porém, Descartes passa ao pensamento qualificado: “uma coisa que pensa, isto é, uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina e que sente”.⁶⁷ Por isso Lacan não avança com Descartes até o segundo tempo. Lacan limita-se à enunciação do *cogito* cartesiano e fecha-a em si mesma: “escrever: eu penso: logo eu sou”.⁶⁸ Assim assegura-se o pensamento sem qualidades antes da dúvida.

Este pensamento sem qualidades não só é necessário para a ciência moderna, também é indispensável para fundamentar o inconsciente freudiano. O eixo do pensamento freudiano está no fato do sonho (*factum somnii*): o sonho pensa. Se há pensamento no sonho, também há no chiste ou na agudeza (*Witz*), nos lapsos da linguagem e no sintoma, em suma, nas quatro formações do inconsciente. Então, contra a tradição filosófica, o pensamento não é um corolário da consciência de si. Do que se segue o teorema “se há pensamento no sonho, há inconsciente”, com seu lema “o sonho é a via régia do inconsciente” e sua definição “afirmar que há inconsciente é afirmar que há *id* (*id* pensa)”. Por último, se há pensar, há sujeito. Mas faltam duas condições para que o raciocínio seja verdadeiro: 1. Faz falta que possa haver sujeito no pensamento mesmo sem consciência de si. 2. Faz falta que o pensamento do sonho se encontre em disjunção a respeito de qualquer qualidade possível, para salvar os fenômenos. Porque o freudismo só se sustenta a partir da afirmação de: 1. Há inconsciente; 2. O inconsciente não é alheio ao pensar; 3. O inconsciente não é alheio ao sujeito de um pensar. Um inconsciente alheio ao sujeito que pensa seria puramente somático (corpo), e não teria nada a ver com a palavra e a verdade. Pelo que o inconsciente da psicanálise não é alheio nem

⁶⁷ Descartes, *Euvres philosophiques*, Garnier, Paris, 1967, II, p. 421.

⁶⁸ Lacan, “La science et la vérité”, *op. cit.*, p. 843.

ao sujeito nem ao pensamento. Em consequência, nem o sujeito nem o pensamento exigem a consciência.

Que o sujeito não tenha consciência de si, enquanto propriedade constitutiva, retifica a tradição filosófica (Descartes). É preciso, portanto, compreender o Descartes do segundo tempo, na necessidade de abandonar o ponto supremo do *cogito*. Para Freud, a consciência de si torna-se apenas uma marca da individualidade empírica, que a filosofia introduziu indevidamente no sujeito. Mas, na medida em que a psicanálise entende estritamente o axioma do sujeito, separa duas entidades: 1. A consciência de si, que pode ser suposta, sem contradição, como não essencial; 2. A consciência de si não pode, sem contradições, ser suposta como não essencial. Como é possível apreciar, só a primeira entidade responde às exigências da ciência e dentro dos limites do axioma do sujeito: sujeito da ciência. Com o que compreende-se como pode ser ao mesmo tempo sujeito cartesiano e sujeito inconsciente. Mas, no que diz respeito à segunda entidade, pode ser chamada Eu (*moi*) ou de outra maneira.

Em suma, a respeito de Lacan, é problemático falar de uma teoria da ciência ou de uma epistemologia. Mas se pode propor uma *doutrina da ciência*, enquanto conjunto de proposições sobre a ciência e o sujeito do inconsciente.

3 O SUJEITO DO INCONSCIENTE

O conceito de sujeito encontra-se em Jacques Lacan desde os seus primeiros escritos; é um conceito que não contempla a obra de Freud. Para Lacan o eu pertence à ordem imaginária e o sujeito à ordem simbólica. O sujeito não equivale à sensação consciente de agenciamento ou de intencionalidade, porque estas são ilusões produzidas pelo eu, mas ao *sujeito do inconsciente*. Uma diferença que já estava em Freud, que “escreveu *Das Ich und das Es (O eu e o id, 1923)* para manter esta distinção fundamental entre o sujeito verdadeiro do inconsciente e o eu enquanto constituído no seu núcleo por uma série de identificações alienantes”.⁶⁹

O conceito de sujeito em Lacan refere-se aos aspectos que não podem objetivar-se (se reduzir a coisas). Lacan chama sujeito *ao que, no desenvolvimento da objetivação, está fora do objeto*. Por isso, as referências à linguagem determinam o seu conceito de sujeito.

⁶⁹ Jacques Lacan, *Écrits, A Selection*, Londres, Tavistock, 1977, p. 128.

Lacan também distingue o sujeito do enunciado do sujeito da enunciação, para propor que o sujeito como um

parlêtre (*falente*, para diferenciá-lo do falante que a linguística supõe que fala por si mesmo), um ser que não é autor do seu dizer, mas que é atravessado pela linguagem, dividido, cindido, hegelianamente desgarrado pela linguagem, freudianamente cerceado, castrado (*Spaltung*). Freud já falava da *cisão do eu* (em alemão *Ichspaltung*; em francês *clivage du moi*), como um processo apreciável no fetichismo e na psicose, fenômenos dos quais deduzia duas atitudes opostas perante a realidade e que chegavam a coexistir no eu: aceitação e retratação. Lacan amplia o conceito de *Spaltung*, porém não para designar processos singulares, mas uma característica da subjetividade em geral, dado que o sujeito está alienado de si, por uma cisão irreduzível, incurável, já que não há síntese subjetiva possível. Um sujeito dividido que denota a impossibilidade de autoconsciência plena, transparente e presente a si própria, que faz com que o sujeito se encontre separado do seu próprio conhecimento. O que indica a presença do inconsciente, como efeito da linguagem, efeito do significante, porque o que determina a divisão entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação é a própria fala. Também a linguística européia propôs a diferença entre o enunciado e a enunciação: 1) *Enunciado*: quando as unidades gramaticais abstratas (como as orações), são independentes das suas circunstâncias. 2) *Enunciação*: quando a produção linguística é analisada como ato individual de um falante na sua situação específica (Ducrot y Todorov).⁷⁰

Lacan ensina que o ato de falar tem um sentido em si próprio, mesmo se as palavras não tenham nenhum sentido, porque antes que transmitir uma mensagem a palavra é um chamado (uma demanda de amor) ao outro. Assim é como Lacan introduz a dimensão da enunciação em termos de inconsciente. Enquanto o enunciado é a palavra na sua dimensão consciente, a enunciação é inconsciente. Pelo que a palavra não provém do eu nem da consciência, mas do inconsciente, porque a linguagem procede do Outro, da ordem simbólica. A ideia de que o “eu” pode ser senhor do discurso promove a ilusão de unidade. A própria palavra “eu” é ambígua: pode ser sujeito do enunciado e também um índice que designa, mas não significa, o sujeito da enunciação. Compreende-se, assim, que o sujeito está dividido no próprio ato de articular o “eu”, dividido entre o enunciado e a enunciação.

O sujeito que se experimenta como sendo falado, dito pela linguagem, é o sujeito do inconsciente. Um sujeito que pode se apreciar nas experiências do ensaio, do romance, do relato e do poema, nos instantes em que as palavras não são ditas pelo sujeito, mas, pelo

⁷⁰ Oswald Ducrot y Tzvetan Todorov, *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*, Paris, Seuil, 1972, p. 405-410.

contrário, o sujeito é dito pelas palavras. E é que a linguagem diz mais do que o pensamento intencional se propunha a dizer. Uma experiência que Michel de Montaigne ou Pablo Picasso enunciavam em uma famosa frase: *Eu não procuro, encontro*. Um enunciado que sugere o tropeço do inconsciente, a surpresa do eu quando se percebe produzindo um novo sentido. Uma experiência da qual Paul Valéry diz: “venho a ignorar em voz alta”⁷¹. Um ensaio comparável à regra de ouro da análise, a *associação livre*: dizer tudo o que passa pela cabeça, sem censura, via régia para uma certa verdade do desejo inconsciente, modo de conhecimento através do qual tudo o que se pode saber, só se sabe ao dizê-lo, porque a verdade fala.

O sujeito do inconsciente parte de um *não saber* sobre o desejo e com isso produz saber (condição para surgir qualquer coisa de novo). Ser atravessado pela linguagem exige não saber para onde pode conduzir a linguagem. Octavio Paz sugere-o: “as frases alinham-se uma detrás da outra sobre a página e ao desdobrar-se abrem um caminho para um fim provisoriamente definitivo”.⁷² Trata-se da experiência do sujeito dividido, a quem assiste a dúvida, e cujas certezas iluminam universos jamais liberados para sempre das sombras. Por isso, o sujeito do inconsciente padece de uma ferida no saber. O que o possui é a linguagem que o atravessa, como na experiência da poesia, da qual Diego Romero de Solís propõe que: “guarda a perplexidade do subjetivo perante o aberto, na dúvida íntima, na indecisão de um mundo interpretado – em sua insegurança –, do que se falou”⁷³.

4 A CIÊNCIA E A VERDADE

Lacan também pensa o sujeito em termos de uma divisão entre a verdade e o saber. A verdade é sobre o desejo; articular esta verdade é o fim de toda a análise. Mas a verdade não está esperando que o analista a revele ao analisando, mas constitui-se na análise. Em oposição à filosofia clássica, Lacan afirma que a verdade não é bela e que conhecê-la não supõe alcançar o bem. Cabe assinalar que Lacan fala de verdade no singular, da verdade de cada sujeito. No ensino de Lacan não há uma concepção unívoca da verdade, porque relaciona (ou opõe) a verdade a diversos contextos:

⁷¹ Paul Valéry, *Teoría poética y estética*, Madrid, Visor, 1990, p. 44.

⁷² Octavio Paz, *El mono gramático*, Barcelona, Seix Barral, 1974, p. 56.

⁷³ Diego Romero de Solís, *Poesis*, Madrid, Taurus, 1981, p. 189.

1. *Verdade vs. exatidão.* Enquanto a exatidão introduz a medição no real (meta das ciências exatas), a verdade do desejo só concerne às ciências da subjetividade e à cultura. A verdade só tem sentido no contexto da linguagem: A verdade se abre caminho no real em virtude da dimensão da palavra. Não há nada certo ou falso antes da palavra. Esta não é a única vez que Lacan evoca Heidegger: “Nenhuma coisa é onde falta a palavra”.⁷⁴ O *logos* – como adverte Heidegger – designa o dizer e o ser, porque dizer e ser se co-pertencem, de forma velada, impossível de abarcar por nenhum pensamento. Heidegger e Lacan fazem apelo a um *dizer essencial* para ouvir a pertença do pensar e o ser. Lacan sugere esta mínima ontologia, quando declara em *Radiofonia* que a sua experiência só toca o ser para fazê-lo nascer do desgarro que se produz no ente que está por se dizer. E é que o ser volta sobre o inconsciente cada vez que o requer.⁷⁵

2. *Verdade e ciência.* A ciência não pode pretender o monopólio da verdade. Menos quando a ciência se baseia na expulsão (*Verwerfung*) da verdade como causa, assim como da dimensão simbólica da subjetividade. Mesmo que a crítica de Lacan não se dirija à ciência *per se*, mas ao modelo positivista. O que caracteriza a ciência – para Lacan – é um alto grau de formalização matemática, transmissível. A ciência se caracteriza também por uma relação particular com o saber, excluindo o acesso a tal saber pela intuição; pelo que propõe apenas um caminho: a razão. Quando Lacan sustenta que a psicanálise só opera com o sujeito da ciência, afirma que a psicanálise não se baseia em uma experiência infável, mas em um diálogo racional, mesmo quando a razão delira.

Enquanto Freud apela às ciências da natureza e à termodinâmica, únicos modelos rigorosos da sua época, Lacan importa conceitos das ciências da subjetividade (sobretudo da linguística). Porém não há que esquecer que Freud, quando tomava conceitos da biologia os formulava até gerar um novo conceito, alheio às suas origens biológicas. Freud – ensina Lacan – com a sua hipótese do inconsciente, antecipa-se às descobertas da linguística estrutural. O que para Freud é um método terapêutico até 1925, depois é afirmado como a ciência dos processos psíquicos inconscientes.

Perante a oposição entre ciência e arte, Lacan afirma que a psicanálise é uma arte liberal, como os medievais: a música, a gramática, a aritmética, a geometria. Apesar disso, como a ciência só se constitui isolando e definindo o seu objeto de estudo, em 1965 isola o *objeto a* (objeto causa do desejo) como o objeto da psicanálise. Contudo, a partir de então,

⁷⁴ Martin Heidegger, *Del camino al habla*, Barcelona, Herbal, 1987, p. 213.

⁷⁵ Jacques Lacan, *Psicoanálisis, radiofonía & televisión*, Barcelona, Anagrama, 1977, p. 45.

Lacan duvida da cientificidade da psicanálise, chegando a dizer em 1977 que a psicanálise é um delírio do que se pode esperar que produza uma ciência.

A psicanálise é uma ciência ou uma arte? Pode dizer-se, com Ricoeur, que o discurso da psicanálise sustentou-se em virtude de uma dialética entre o metafórico e o científico especulativo, entre o linguístico e o poético, dado que o poético filtra-se pelas discontinuidades que surgem no especulativo e o científico, porque um sistema científico universal seria a morte da poética, como uma poética universal implicaria a morte da racionalidade e da ciência⁷⁶.

3. *Verdade, mentira e erro.* A verdade está vinculada ao engano, porque a mentira pode revelar a verdade sobre o desejo com mais eloquência que o enunciado sincero. O engano e a mentira não são opostos à verdade. O papel do analista é revelar a verdade que existe no engano. Freud adiantou-se a Heidegger nisto, sustentando que à verdade só se acede através da mentira e do auto-engano. É que a errância está na origem da verdade, porque a verdade não se esgota no julgamento e o enunciado, dado que há uma mais-valia na enunciação, na dimensão inconsciente: um dizer produz verdade.

A verdade e o erro se co-pertencem. A verdade é revelada nos lapsos. A relação entre a verdade e o erro pode ser percebida por meio da estruturação que empreende a palavra na procura da verdade, como no caso do erro que escoa no engano e se manifesta nas falhas. Na última fase do seu ensino, Lacan fala do inconsciente como de “um embuste” (*Unbewusst*). A partir disso se pode falar do inconsciente como de algo falso, no sentido de que o desejo inconsciente e a sua interpretação falseiam o sujeito, o faz desfalecer, porque não deve fechar-se com uma significação unívoca, mas promover o deslocamento do sentido.

4. *Verdade e ficção.* A ficção tem mais em comum com a verdade que com a falsidade. *A verdade está estruturada como uma ficção ou a verdade tem estrutura de ficção.* Disto pode-se concluir que a ficção deixa de ser um impedimento para a articulação da verdade. O próprio Freud introduziu o conceito de *realidade psíquica* (*Wirklichkeit*, verdade literária), para designar a verdade subjetiva, tão real quanto a realidade objetiva (*Realität*), para combater os ataques do positivismo contra a psicanálise.

5. *A verdade e o real.* A verdade aspira ao real. Dizer o ser é o desejo de todo analista. Uma impossibilidade que não recomenda o silêncio, como Wittgenstein, porque, como afirma Lacan, *do que não se pode falar é do que mais se fala.*

⁷⁶ Paul Ricoeur, *La metáfora viva*. Madrid, Europa, 1980, cap. VIII.

Nos seus primeiros trabalhos, Lacan falava do real, junto com Emile Meyerson, como um “absoluto ontológico”. Depois, o real é uma das três ordens (para além do imaginário e do simbólico) a partir de onde se podem pensar os fenômenos psicanalíticos. Ao contrário do simbólico, feito de oposições (presença e ausência), no real não há ausência. O simbólico é um conjunto de elementos discretos diferenciados (significantes); o real é indiferenciado, sem fissuras. O simbólico introduz um corte no real, no processo da significação; o mundo das palavras significa o mundo das coisas. O real está fora da linguagem, é inassimilável à simbolização. Isto o leva a vincular o real ao impossível (de imaginar e simbolizar). O real implica uma substância que subentende o imaginário e o simbólico. O real é o biológico, o corpo, a pulsão, o gozo. Mais tarde, o real é a o simulacro da realidade, que designa representações imaginárias e simbólicas.⁷⁷ Dizer o real, o impossível de dizer, é o que o analisando tenta tocar na intenção de dizer o seu ser.

Do mesmo modo, Lacan diferencia o *conhecimento*, que é imaginário, do *saber*, que é simbólico. O saber é a meta da análise. Saber da articulação dos significantes no universo simbólico do sujeito: saber da cadeia significante. O inconsciente é o outro nome do saber simbólico, como saber desconhecido. O único meio de aceder ao saber na análise é a *associação livre*. Propiciar que o sujeito fale de qualquer coisa não é promover que confesse o que sabe e considera importante, mas que fale do que carece de importância e do que não sabe (que emerge nos lapsos e os tropeços da fala). Na psicanálise as palavras revelam, não o que querem dizer, mas outra coisa. É por isso que a natureza ambígua da linguagem é a causa do inconsciente. A psicanálise não se dirige, nem poderia, a um saber absoluto, porque o inconsciente é irreduzível; há uma divisão iniludível entre o sujeito e o saber. O saber simbólico é saber da verdade sobre o desejo inconsciente. Mas o saber não reside em algum sujeito, nem no Outro (a ordem simbólica), dado que é intersubjetivo; esta é a causa de que se pressupunha um sujeito do saber (o sujeito-suposto *para* e *do* saber: o analista), fundamento da transferência, que introduz a dimensão do amor, dado que se ama a quem se supõe ter a posse do saber, como já mostrava *O banquete* de Platão, e de Lacan.

Para abordar a vinculação entre o sujeito do inconsciente, a ciência e a verdade, Lacan escreve o texto “A ciência e a verdade” (1965),⁷⁸ que é o último dos artigos dos seus *Escritos*. É um texto no qual propõe que a noção de verdade escapa à formalização integral, e que esta falta remete para a falha da ciência em geral, que sempre procura suturá-la. E a

⁷⁷ Jacques Lacan, *Le Séminaire. Livre XVII, L'envers de la psychanalyse*, 1969-70, Paris, Seuil, 1991, p.148.

⁷⁸ Jacques Lacan, “La science et la vérité”, *op. cit.*, pp. 219-244.

dúvida cartesiana marcava o sujeito com uma divisão entre o saber e a verdade. É que o sujeito da ciência está, como todo sujeito, dividido entre o enunciado e a enunciação.

Como a psicanálise tem a tarefa de tomar por objeto o sujeito da ciência, que por sua vez é efeito do significante que nasce em falta, o sujeito da ciência está marcado pela falta. O sujeito da ciência é o que se dedica a fazer ciência, e que o próprio discurso científico, para ser o que é, expulsa do seu campo.

Por tudo isto, para falar da ciência, Lacan retoma Descartes, porque há um momento do sujeito que é correlato da ciência: o *cogito*. A ciência tem uma ampla história, mas não é até a ilustração que adquire o seu estatuto de ciência, quando o pensamento racional converte-se no método científico, que oferece à ciência a verdade sobre o mundo. Trata-se de um momento marcado pela recusa de qualquer saber ao qual não se aceda de maneira clara e distinta, ligando o sujeito ao ser, para constituir o sujeito da ciência. Um momento do sujeito que conduz Lacan à divisão do sujeito entre o saber e a verdade, devido à falta na ordem simbólica, também marcada pela incompletude.

A falha da ciência é a própria falta do sujeito da ciência: o científico. Esta é a razão de que não exista objetividade e de que a ciência esteja marcada por tal falta. A falha no científico e na ciência deve-se a que toda a verdade não pode ser dita (nem muito menos ser feliz). Dado que sempre se pode saber mais, a verdade é o que falta no saber para a sua realização.

Qualquer tentativa ou tentação de suturar a falha da ciência conduz ao erro. A ciência só pode se realizar passando pelo sujeito da ciência. O demais conduz ao erro. O sujeito da ciência não se pode suturar, dado que está inscrito como sujeito na linguagem. Daí que Lacan reformule o “Penso, logo sou” de Descartes nos seguintes termos: “Penso onde não sou pelo pensamento, logo sou onde não penso”. O que significa que o pensamento só funda o ser ligando-se na palavra que o marca como sujeito da linguagem. O sujeito está sujeito à linguagem; por isso pode falar. Compreende-se então que Lacan coloque a verdade como causa. A verdade, enquanto linguagem, é a causa que faz falar o sujeito. Uma verdade que não se revela, mas que se produz: a verdade fala.

O limite da ciência e da verdade é o inominável: o real. Tudo o que há para dizer da verdade é que não há metalinguagem (uma linguagem que venha dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro). E é que a verdade fala; não tem outro meio para fazê-lo. Esta queda da metalinguagem, no que tem de enganoso e de lógico, implica a queda da repressão do sujeito da ciência, que não só desconhece, mas que recusa o seu risco subjetivo. Lacan ataca o

positivismo porque este pretende apresentar as ciências sem falhas. Porém, não há palavras para dizer a verdade; por isto ficamos no campo do saber, que pode ser modificado constantemente. Não há uma verdade única; disso dão conta diversos paradigmas científicos.

A verdade que promove o sujeito do inconsciente é que não há verdade absoluta, só saberes superáveis. Daí que o discurso da psicanálise coloque em jogo a verdade como causa e um saber permanentemente posto em exercício.